

Votação preocupa Cardoso

O ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, desembarcou ontem na Base Aérea de Brasília, no início da tarde, preocupado com as conseqüências negativas da crise do PMDB na votação dos projetos do governo no Congresso e com a expectativa de que um novo plano econômico estaria em gestação.

Para o ministro, as divergências manifestadas pelo PMDB, que reclama de perda de espaço e prestígio com sua indicação para a Fazenda, foram a pior notícia que recebeu ao voltar da Argentina. "Aceitei o ministério porque o presidente Itamar Franco pediu em um momento muito difícil para o país. Se tirei espaço, foi do PFL, e não do PMDB", afirmou.

Sobre a expectativa de adoção de um novo plano econômico, nos próximos dez dias, Fernando Henrique foi enfático: "Chega de

plano, não adianta mais um plano para ficar no papel". Ele disse acreditar que tenha sido mal interpretado na entrevista coletiva, em Brasília, na semana passada, quando teria anunciado estudos para complementar o Plano de Ação Governamental. "O plano é de Itamar e não de Eliseu Resende, mas eu sou co-autor e, por isso, estou disposto a executar o que o Congresso aprovar".

Quanto à possibilidade de uma contrapartida do governo ao Congresso para acelerar a aprovação do plano, o ministro questionou: "É preciso mais do que os ministérios já oferecidos?"

Argentina — Para o ministro da Fazenda, a viagem à Argentina foi proveitosa porque fortaleceu as relações com o Brasil, principalmente pela troca de idéias com o presidente Carlos Menem e com o ministro da Eco-

nomia, Domingo Cavallo. Da conversa com Cavallo, Fernando Henrique repetiu a observação do ministro argentino de que não houve um plano de dolarização na Argentina, mas a simples conversão do peso em dólar. Quando uma repórter lembrou ao ministro que no Brasil já havia a prática informal da dolarização, ele rebateu: "O brasileiro pode pensar em dólar, mas guarda o dinheiro em cruzeiros".

A adoção de uma âncora cambial para a estabilização dos preços foi avaliada por Fernando Henrique como positiva para a Argentina, por ter sido adotada após controle da evasão fiscal. Mas o ministro descarta o recurso ao mesmo instrumento: "Esta é uma boa lição para aprender, mas agora não estou pensando em âncora nenhuma", argumentou.